

AS ORGANIZAÇÕES E POLÍTICAS DE ACOLHIDA PARA ACADÊMICAS/OS SOB AMEAÇA: O CASO DO BRASIL PÓS-2016

Lucas Manassi Panitz ¹[0000-0002-8429-571X]
Fernanda Tarabal Lopes ¹[0000-0003-2920-1255]

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
lucas.panitz@ufrgs.br, fernanda.tarabal@ufrgs.br

Resumo. Este trabalho tem como finalidade apresentar um conjunto de organizações e políticas destinadas a acolher professoras/es e pesquisadoras/es sob ameaça. Para tanto, focamos no caso brasileiro no cenário pós-2016, quando se inicia um processo de recrudescimento no combate à liberdade acadêmica, que se consolidará a partir de 2019 com a eleição de Jair Bolsonaro. Para tanto, realizamos alguns passos. Primeiro, buscamos reconhecer a problemática que envolve o cerceamento à liberdade acadêmica em escala global, como debates teóricos, países em situação mais crítica, e ainda discussão sobre o fenômeno geral do avanço dos autoritarismos e fascismos contemporâneos. Segundo, realizamos o mapeamento de um conjunto significativo de organizações e políticas de acolhida de acadêmicas/os em risco, sobretudo nos países do norte global. Em seguida, abordamos a crise política e institucional brasileira que se inicia em 2016 e que atinge a liberdade de expressão em um contexto de perseguições institucionais e informais, direcionadas a pesquisadores, intelectuais e artistas; mostramos ainda, algumas personalidades que admitiram publicamente que saíram do país pressionadas. Por fim, apresentamos as organizações e políticas de acolhida de acadêmicas/os sob ameaça no Brasil, com ênfase também nos monitoramento da liberdade acadêmica feito por instituições internacionais. Como considerações finais, defendemos que à diáspora acadêmica brasileira, vinculada ao desinvestimento estatal em educação e ciência, se combina a existência de um processo de expurgo informal que tem produzido um exílio acadêmico brasileiro. O campo mais atingido é notoriamente as ciências humanas e particularmente as mulheres e pessoas LGBTQIA+. Esse processo, que produz pessoas ameaçadas em sua integridade física e psicológica, torna complexo o processo de investigação, como entrevistas e produção de dados. Por isso, argumentamos ser necessário o aprofundamento desta pesquisa, bem como a colaboração com outros grupos brasileiros e estrangeiros que se dedicam ao tema.

Palavras-chave: Liberdade acadêmica. Exílio acadêmico. Diáspora acadêmica. Fuga de cérebros.

Introdução

O Brasil tem sido nos últimos anos um país com alto índice de emigração, com números que têm aumentado consideravelmente em função da crise observada nesse período. Pinheiro-Machado (2019), amparada pelos dados da Receita Federal, descreve que o número de emigrantes nesses anos triplicou quando comparado a anos anteriores: em 2011, por exemplo, o número de pessoas que declarava saída definitiva era de cerca de oito mil; já em 2017 e 2018, cerca de vinte e duas mil pessoas por ano. A hipótese que orienta nossa pesquisa, baseada em evidências já alertadas na mídia e em entrevistas realizadas com colegas que migraram para o exterior, é de que os últimos cinco anos

(2016-2021) têm sido particulares no que tange a condição de trabalho para acadêmicos no Brasil. As causas parecem estar relacionadas tanto à baixa perspectiva de empregabilidade com os cortes orçamentários em educação, ciência e tecnologia, mas também com um crescente monitoramento ideológico e perseguição de pesquisadores que participam ativamente do debate público brasileiro. Contudo, esses indícios ainda não são amparados por evidência mais sistemática, que nosso estudo visa prover, tanto realizando um aprofundamento horizontal para que se possa compreender a dimensão dessa migração, como também vertical para investigar as motivações pessoais daqueles que migram. Este artigo, portanto, encontra-se vinculado ao projeto de pesquisa "Fuga de cérebros e a diáspora acadêmica brasileira", com o qual investigamos os múltiplos fatores causadores de uma saída massiva de pesquisadoras/es do Brasil em busca de posições nos países do norte global.

Material e Métodos

No presente trabalho, buscamos contextualizar o quadro político no qual se inserem os recentes exílios acadêmicos, mostrando a sua relação com o aparelhamento da burocracia estatal por grupos de extrema-direita. Em seguida, mostramos as estratégias de censura, intimidação e perseguição a acadêmicas/os do país. Por último, apresentamos um mapeamento preliminar de um conjunto de organizações e políticas de acolhida para pessoas ameaçadas em sua liberdade acadêmica, nas quais estamos realizando um levantamento de dados com vistas a compreender a participação de brasileiras/os nestas iniciativas.

Contextualizando o Brasil pós-2016

O golpe de 2016 afetou as relações institucionais brasileiras, criando uma instabilidade política que passou a impactar a produção do conhecimento e a liberdade acadêmica. O processo se aprofunda em 2019 com o aparelhamento da extrema-direita na estrutura burocrática brasileira, incluindo as universidades e institutos de pesquisas. Particularmente nas universidades, as tensões extrapolam a partir de 2018, com a campanha eleitoral que levou Jair Bolsonaro ao poder. O recrudescimento é sentido fortemente nas universidades, com monitoramento de professores e ingerências na estrutura universitária. Diversos intelectuais se vêem forçados a sair do país por conta de constantes ameaças, como Marcia Tiburi, Débora Diniz, Jean Willys, Larissa Bombardi, Jessé de Souza, entre outras/os.

Resultados

A Scholars At Risk (SAR) é uma iniciativa da Universidade de Chicago em 1999, a qual foi posteriormente alojada na Universidade de Nova Iorque, onde se encontra até hoje. Ela organiza uma rede de universidades pelo mundo que se comprometem com a liberdade acadêmica e com a acolhida de pessoas em situação de ameaça. A iniciativa possui diversos programas internos, que passam por formações sobre liberdade acadêmica em países do sul global, assistência jurídica aos acolhidos, instruções de boas práticas às universidades da rede, relatórios anuais sobre liberdade acadêmica, monitoramento de ameaças em escala global, grupos de trabalho, seminários da rede, entre outros. Não há relatos oficiais de brasileiras/os beneficiados pelo SAR. Contudo, no monitoramento realizado, a SAR relata as ameaças de morte sofridas pela antropóloga

Débora Diniz e sua consequente saída do país. (SAR, 2018). Em seus relatórios anuais *Free to Think*, iniciados em 2015, o Brasil aparece a partir de 2019 em todas as edições. Em 2019 relata a invasão da polícia nas universidades federais às vésperas da eleição; também o estupro de uma mulher militante dos direitos LGBTQIA+ que era frequentemente ameaçada por extremistas de direita apoiadores do presidente (SAR, 2019). Em 2020 o relatório aborda o caso da interferência do governo federal na nomeação dos reitores alinhados ideologicamente ao governo, contrariando uma tradição republicana de indicar o mais votado pela comunidade universitária (SAR, 2020). Em 2021 cita também o processo movido Procurador Geral da União Augusto Aras contra o professor e jurista Conrado Hubner, da Universidade de São Paulo, bem como outro processo movido por um parlamentar contra o epidemiologista Pedro Hallal por críticas públicas ao presidente em relação às nomeações de reitores e na condução da pandemia da Covid-19. Além de apresentar um índice de liberdade acadêmica no qual o Brasil despenca a partir de 2017, o relatório afirma ainda que

Acadêmicos e estudantes individuais sofreram uma série de ataques, ameaças e assédio com base em seu trabalho, pontos de vista e identidades desde 2018. Durante o período do relatório, autoridades estatais e funcionários públicos brasileiros buscaram punir os acadêmicos individuais por sua expressão pública por meio de ações legais e pressionando os atores universitários (SAR, 2021; p.56).

Na França a iniciativa mais conhecida é o Programa Nacional de Acolhida de Cientistas em Exílio - PAUSE (LOHÉAC, 2020), vinculado ao Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa. O programa iniciou em 2017 e é destinado tanto a cientistas como artistas em mesma situação e tem como sede o College de France, congregando 107 instituições de ensino e pesquisa. Dois participantes brasileiros do PAUSE são personalidades conhecidas do meio acadêmico brasileiro. A filósofa, escritora e artista visual Márcia Tiburi, que após repetidas ameaças de morte e perseguições, foi acolhida na Université Paris 8 - Saint Denis. Ela se beneficia atualmente de uma bolsa Artist Protection Fund do Institute of International Education (IEE). Outro beneficiado pelo PAUSE é o sociólogo Jessé de Souza, que passou uma temporada como professor visitante na Université Sorbonne 1.

Reconhecemos, ainda, um conjunto de outras iniciativas mundiais para acolhida de acadêmicas/os, como o News University in Exile Consortium, a rede de universidades francesas Migrantes no Ensino Superior (MEnS), além do Scholar Fund Rescue do já citado IIE.

Conclusões

O levantamento preliminar indica até agora que alguns dos principais intelectuais atingidos em sua liberdade acadêmica participaram em algum nível dessas supracitadas iniciativas. A continuidade da pesquisa indica um caminho de levantamento de dados nas mais diversas organizações, programas e políticas, com vistas a compreender a participação de outras acadêmicas/os do Brasil nestas. Importante ressaltar que a quantificação que buscamos não tem um fim em si mesmo, mas se relaciona com compreensão de escala global das duras consequências do exílio em pessoas atingidas em sua liberdade de pensar, como tem mostrado Tarabal e Costa (2020) em seus recentes estudos.

Referências

LOPES, Fernanda Tarabal; COSTA, Alessandra de Sá Mello da. Exílio político no

contexto do Brasil pós-2019: história do desterro e do trabalho existência/resistência de uma intelectual brasileira. Cadernos EBAPE. BR, v. 19, p. 307-324, 2021.

LOHÉAC, Laura. Programme national d'accueil en urgence des scientifiques en exil. Hommes Migrations, n. 1, p. 168-169, 2020.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Fuga de cérebros e autoexílio: governo Bolsonaro reacende o trauma da ditadura. The Intercept Brasil (2019, agosto 06). Recuperado de <https://theintercept.com/2019/08/05/fuga-de-cerebros-e-autoexilio-governo-bolsonaroreacende-o-trauma-da-ditadura/>

SAR (SCHOLARS AT RISK). Free to think: Report of the Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. New York, 2019.

SAR (SCHOLARS AT RISK). Free to think: Report of the Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. New York, 2020.

SAR (SCHOLARS AT RISK). Free to think: Report of the Scholars at Risk Academic Freedom Monitoring Project. New York, 2021